

# “Quis transmitir essa forma muito natural de viver a morte”

“‘Lisboetas’ era um filme sobre uma coisa que está por todo o lado e que tinha um grau de invisibilidade apesar disso tudo. Este é sobre algo que não querem deixar ver, que é diferente.”

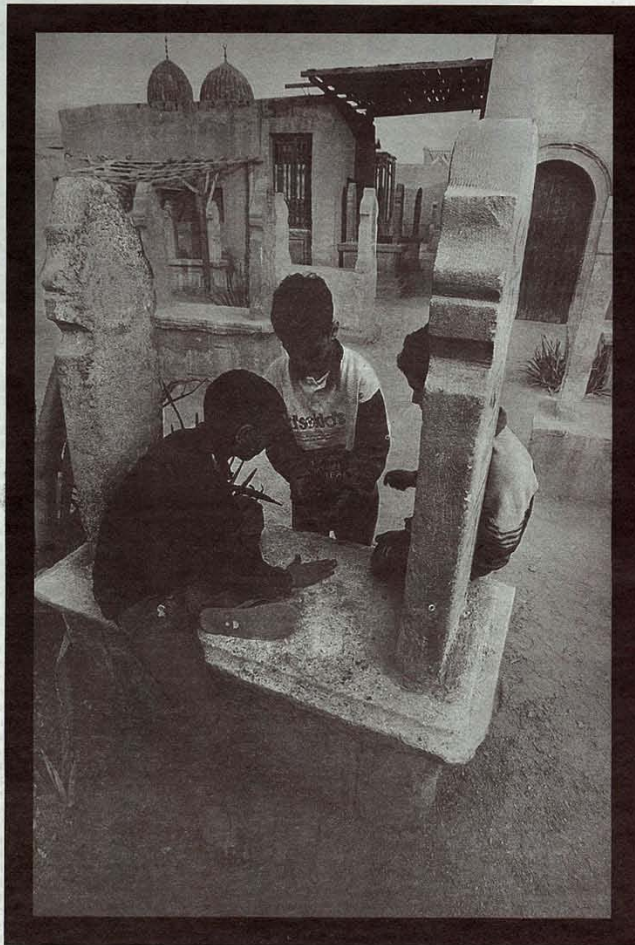
Esse “algo” é o milhão de pessoas que vive nos cemitérios do Cairo, espalhadas por uma necrópole que ocupa um quarto da área da capital egípcia. “El Arafa”, “a cidade dos mortos”, é o nome que os caiotas dão aquele lugar. “A densidade populacional ali é baixa, e no entanto você tem ruas cheias de crianças a jogar futebol durante o dia. É muito vivo, muito ameno, você sente que está a passear numa aldeola do Alentejo...”

Durante cinco anos de trabalho, sempre em trânsito entre Lisboa e o Cairo, o documentarista Sérgio Tréfaut, autor de “Lisboetas” (2004), partiu à aventura para uma cultura que não dominava, para filmar um retrato celebratório de uma vida normal pa- redes-meias com a morte. “A relação com a morte é algo muito importante, e fascinou-me o modo como ela é resolvida naquele lugar,” explica, invocando o filósofo francês Michel Foucault. “Hoje, nas sociedades contemporâneas, pusemos fora os hospitais, as prisões, os loucos e os mortos. Até ao final do século XIX, o velório [de um morto] era feito em casa. Hoje, uma criança não vê sequer um cão morto, não sabe o que é a morte. E, para aquela gente, túmulos, ossos, corpos a degradarem-se é o pão nosso de cada dia. Quis transmitir essa forma muito natural de viver a morte.”

O resultado chega esta semana às salas, depois de um percurso por mais de uma dúzia de festivais que lhe valeu o prémio máximo do madrileno Documenta e já garantiu o interesse da estação televisiva al Jazeera em exibir o filme. “A Cidade dos Mortos”, pouco mais de uma hora de viagem pelo quotidiano daqueles que se instalaram de armas e bagagens nos cemitérios caiotas, surge acompanhado da curta “Waiting for Paradise”, “um ‘divertissement’ despretenso” de vinte minutos sobre os casamentos dos habitantes locais, montado a partir de material que não coube no filme mas que Tréfaut ficou com “má consciência” de não utilizar.

Aliás, “é uma dor de cabeça ter material dessa ordem e ter de o condenar em nome do equilíbrio...” →

**Cinco anos de trabalho, sempre em trânsito entre Lisboa e o Cairo**



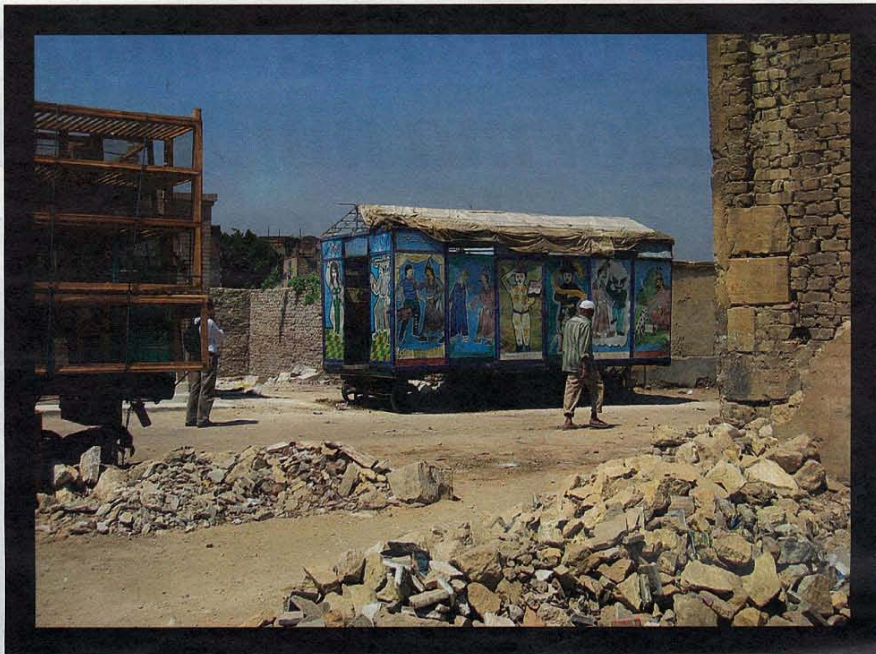
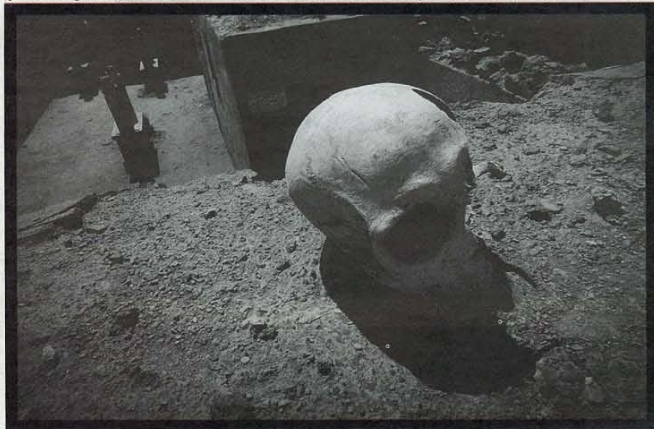
Cinco anos depois de “Lisboetas”, Sérgio Tréfaut mostra ao público a sua viagem a um universo completamente diferente mas igualmente escondido no interior de uma cidade: “A Cidade dos Mortos”, sobre a vida quotidiana nos cemitérios do Cairo. *Jorge Mourinha*

**"Até ao final do século XIX, o velório [de um morto] era feito em casa. Hoje, uma criança não vê sequer um cão morto, não sabe o que é a morte" Sérgio Tréfaut**

**← Um filme clandestino**

"A Cidade dos Mortos" é um filme "clandestino", nas palavras do realizador: os infatigáveis esforços para obter autorização de rodagem junto das autoridades egípcias foram ignorados, o que acabou por impedir o envolvimento de produtores locais que não quiseram arriscar filmar sem documento oficial. As rodagens acabaram por ser de guerrilha, "cada vez que estávamos no cemitério e aparecia um polícia, tínhamos de desmontar tudo, dizíamos que íamos visitar amigos", e foram perseguidas por problemas técnicos. "Tem a ver comigo fazer coisas que parecem impossíveis. Fui suicidário e parto o nariz muitas vezes, tanto que o filme arranca em 2004 e só fica pronto em 2009. A língua era um obstáculo, a cultura era um obstáculo, visualmente era um obstáculo porque aquilo não parece um cemitério nem por nada deste mundo... Se já tinha sido difícil entrar em contacto com algumas comunidades [emigrantes] em Lisboa, na cidade onde vivo, imagine num lugar daqueles, onde um estrangeiro pode ser mal visto..."

Mas, à chegada, percebe-se no modo como Tréfaut fala um orgulho mal disfarçado, um prazer enorme por ter feito o filme que quis, como o quis - mesmo que, na sua versão final, dure pouco mais de uma hora. Não por precisar de responder a qualquer tipo de formações, apenas porque sim. "Gosto muito mais desta versão do que das outras, mais longas. Uma boa refeição é uma refeição que, quando chega ao fim, deixa vontade de comer um bocadinho mais... Há muita indulgência relativamente aos autores que são complacentes. Eu não sou."



Essa recusa de complacência prolongou-se no processo de construção do filme, que foi mudando ao longo dos cinco anos entre o arranque do projecto e a conclusão da montagem. "Comecei pelo desafio do documentário observacional, sabendo que seria difícil ter as tensões e os conflitos e as revelações que fazem com que um filme desses tenha força. Depois, procurei uma estrutura narrativa, com os noivos que se casavam, mas aquilo não funcionava porque eles nunca mais casavam... Finalmente, pensei na voz de um narrador como algo que exprimisse algo de espiritual, um sentimento por aquele lugar, e quis que essa dimensão marcasse o filme. Tentei contar o amor que algumas daquelas pessoas têm aquele lugar. Que é um tabu difícil de aceitar, sobretudo para os egípcios."

Este tabu é a "ocupação selvagem" dos cemitérios caiotas como alojamento para aqueles que não conseguiam encontrar outros locais, iniciada nos anos 1960 "quando os israelitas bombardearam as cidades do Mar Vermelho e alguns vieram instalar-se no cemitério. Alguns dos migrantes foram para ali, outros para outros lugares que, embora não sendo cemitérios, são por vezes de muito pior qualidade de vida. As opiniões são diferentes: há pessoas que amam aquilo, há pessoas que querem que o túmulo dos seus pais seja recuperado... As pessoas que são do Cairo gostariam que aquilo não existisse. Mas o governo oferece a dado momento realojamento: há quem não queira, há outros a quem é oferecida uma casa a 15km do centro, aceitam, alugam a casa a 15km e voltam para ali!"

Se a presença de vida quotidiana num cemitério era uma das motivações do projecto, evitar o bilhete postal era primordial para o realizador, que cita o exemplo da prática religiosa, invisível no filme, para explicar essa fuga ao que chama "folclore". "Fizemos muito a religião, mas achei que tinha um lado folclórico que eu não queria dar. Os egípcios são dos povos mais orgulhosos, amam o seu país e a sua identidade, com Mubarak ou sem Mubarak. Têm um terrível receio que o forasteiro venha fazer um retrato de miséria. Eu tinha que explicar-lhes que a minha intenção não era essa."

**O cozinheiro a sério**  
Inevitavelmente, impõe-se perguntar como Tréfaut, que viveu no Cairo durante a produção, vê a reviravolta política no Egito. "Quando estive no festival do Dubai em Dezembro, encontrei amigas egípcias e disse-lhes do alto da minha ingenuidade que as coisas estavam a ficar muito esquisitas, e elas 'não, não, não, está tudo igual, tudo na mesma'... Passados dois meses estava a acontecer tudo e, claro, estava sempre a telefonar para o Cairo para saber o que se passava... Senti uma frustração de não ter estado lá e de não ter vivido aquilo no dia-a-dia, mas existe neste momento uma coisa tão aberta para o que vai acontecer que só mesmo um sentimento egípcio habitual a pode expressar: 'Insha'Allah' ['se Deus quiser']. Como se em português eles dissessem 'tudo se há de resolver', e isso não é garantia de nada. Estou morto por ir para lá" - Tréfaut viaja ao Cairo em Maio para mostrar o filme aos que nele participam - "mas não estou com uma fé estrondosa que tudo esteja resolvido. O grau de injustiça social no Egito é tão grande que

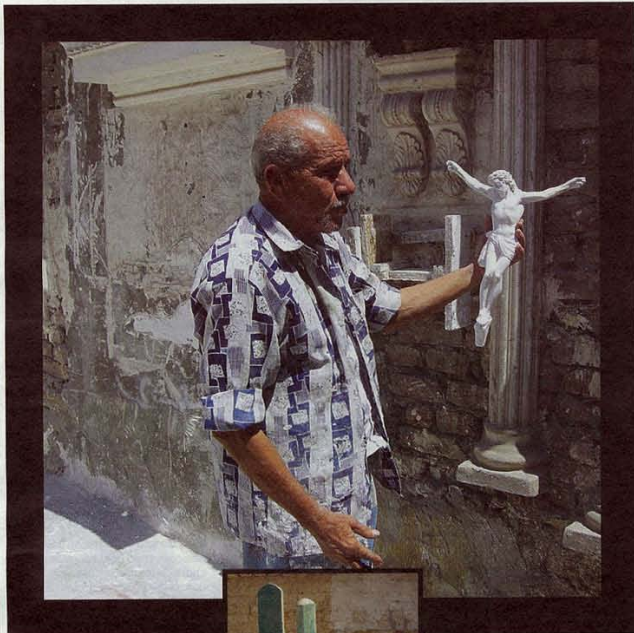
não sei como é que se parte para um reequilíbrio..."  
Os acontecimentos no Egito acabam por colorir a estreia portuguesa do filme, mas foi "um acaso". "A Cidade dos Mortos" é distribuído em regime de "edição de autor", através da Faux, estrutura de Tréfaut. "Há distribuidores independentes que trabalham bem, mas o meu modelo é o cozinheiro que é cozinheiro, a sério: vai ao mercado, escolhe o peixe, sabe o preço, escolhe as batatas, sabe onde vai buscar o vinho... Não partilho nada dessa ideia da separação da produção da realização da distribuição..."  
E também não é por aí que se deve ler o "atraso" de ano e meio por relação à conclusão do filme e ao seu percurso por festivais. "Foi, apenas, porque faço outras coisas. Sempre quis estrear o filme, mas sem pressa. Por um filme em sala é um trabalho a tempo inteiro durante dois meses, e quando você faz várias coisas ao mesmo tempo, tem de saber o que faz em cada momento. Entre terminar este filme e mostrá-lo no primeiro festival, tive dois DocLisboas pelo meio, uma direcção da Apordoc, a sucessão de uma direcção, entretanto rodei uma longa de ficção ["Viagem a Portugal"], a concurso em Maio no Indie!... não dou para tudo."

E talvez a principal razão para um filme que fala de vida e de morte: "A Cidade dos Mortos" não envelhece. Não é uma coisa que morra de um dia para o outro."

**Tréfaut diz ter querido transmitir uma forma "muito natural de viver a morte"**

# Abençoados pelos mortos

É no cemitério do Cairo, mais do que nas pirâmides, que se percebe o culto da morte. E é aí, mais do que no colorido bazar Khan el Khalili, que se vê a força dos vivos. Uma viagem à Cidade dos Mortos quando fazia falta a revolução. *Susana Moreira Marques*



**Magdi ali Hasan** Apesar de ser muçulmano, gosta de esculpir Jesus Cristo, que, acreditam os coptas egípcios, se refugiou com a família sagrada no Cairo, numa caverna que parecia um túmulo. "Estou só com os mortos", diz. "Estou só como no deserto"

"Estou só com os mortos", diz. "Estou só como no deserto."

**3.** Cheguei ao Cairo quando o realizador português Sérgio Tréfaut estava de partida depois de um período de rotação para o seu documentário sobre a Cidade dos Mortos. Ainda coincidimos uma noite e jantámos, o Sérgio acompanhado do cameraman italiano, e eu de uma jornalista espanhola. Conversámos num misto de português, espanhol e italiano.

"Vida, vida, vida!", dizia o cameraman com a força da língua italiana. Para ele e para Sérgio Tréfaut no Cairo até o cemitério era um lugar de vida. Tudo parecia mover-se, os próprios mortos modificavam-se para se adaptar aos vivos. Era possivelmente esse desejo de sentir a vida de uma maneira que não a sentia na Europa que fazia com que Sérgio Tréfaut voltasse, uma e outra vez. Já a minha amiga, que vivia no Cairo e ia fazer férias à Europa sempre que podia, perguntava-se que vida era aquela? Como toda a gente, sufocava, e não era o calor.

Há poucos dias falámos por skype, e ela não se lembrava desse jantar. Não era só que tivesse sido há algum tempo, tinha sido noutra Egíptio. Entretanto, a minha amiga tinha estado na Praça Tahrir, tinha ido à Líbia e voltado, e o Cairo em que vivia, agora sim, era um lugar de vida. Tinha percebido que antes disso os egípcios não estavam verdadeiramente vivos porque lhes faltava o que mais precisavam – mais do que dinheiro ou liberdade de expressão: o orgulho.

**4.** A terceira loja onde entro, na rua principal da parte norte da Cidade dos Mortos, é uma engomadoria. Gon Amin Hassan nasceu no cemitério e herdou a profissão do tio em 1967. "Porque me dá para comer, amo esta profissão", diz, e continua a passar a ferro com o pé.

Antes entrei numa loja onde se fazem lâmpadas e candeeiros e numa onde se trabalha cobre e prata. Os artesãos fazem o seu trabalho como aprenderam dos antepassados, e são uma espécie em vias de extinção. Sabem que estão a ir para mortos porque os chineses já invadiram até o Khan el Khalili, o grande bazar do Cairo. Apesar de tudo, estão localizados junto da mesquita de Qaitbay, o único sítio do cemitério onde de vez em quando aparecem turistas. Um guia leva-me à

mesquita, mas por alguma razão não é possível subir ao minarete. Mas sei qual é a vista.

**5.** Quando Eça de Queirós viajou ao Egíptio, em 1869, o grande cemitério do Cairo, na base da montanha de Mokattam, já era um lugar onde os vivos faziam uma festa, mas não era ainda uma "cidade". Era um lugar de peregrinação que impressionava os europeus. O tamanho dos mausoléus assimilava as personalidades – religiosas ou políticas. Nessa época – como antes e depois – os egípcios eram obcecados com a morte depois da vida. E já os pobres e os marginalizados andavam como abutres, encontrando salvação na morte dos outros.

Só a partir dos anos 60, quando o Cairo, com pouca habitação, recebeu vagas massivas de imigrantes rurais, o cemitério passou a ser uma cidade, com lojas e banco e o som da televisão a sair de mausoléus. As pessoas casam e têm filhos no cemitério; e estes casam e têm filhos no cemitério. Por mais que nasçam gerações, o cemitério continua a ser um cemitério. Em "Viagem ao Egíptio", Eça de Queirós descreveu os cemitérios árabes.

"Apesar de tudo, não inspiram aquele terror nervoso dos cemitérios cristãos [...]. Os cemitérios árabes, pelo contrário, têm o aspecto de ruínas. Aquelas pedras luzem, no meio do deserto, antigas, desconjuntadas, e dão a impressão de velhas arquiteturas e não a ideia de fim e de morte." É essa ainda a vista do topo da mesquita de Qaitbay, o deserto noutra forma, até à montanha de Mokattam que, dizem os cristãos coptas, foi movida pela fé. A fé move montanhas mas não move os habitantes da cidade dos Mortos.

**6.** É mãe, não tem outra profissão. O marido vende roupa numa grande avenida comercial. Tem três filhas para cuidar que provavelmente virão a não ter profissão. Teve outra menina que morreu. É uma casa quase só de mulheres. Até no mausoléu está outra mulher: uma princesa Mamluk.

Abir casou e veio viver para aqui contando que um dia o marido conseguisse mudá-los para um apartamento, mas o tempo passa, tem 29 anos e já lhe falta a esperança. Tem um rosto redondo e um sorriso de lua, e manda as meninas para o pátio →

**1.** A primeira lição ao cruzar o mediterrâneo: ainda precisamos de Deus. Magda entende os muçulmanos e os judeus. Não entende os ateus. Magda Mikhail é cristã copta, e observa a filha de 13 anos: como se zanga com Deus, e a seguir agarra-se a Ele a pedir coisas. Magda vai sentada ao meu lado no voo de ida para o Cairo, e sobre a situação política no Egíptio, diz: "Somos espectadores de um filme. É como se estivéssemos a ver um filme passar. Não podemos fazer nada."

Era Agosto de 2007, e tinha-se a sensação de que o Cairo não era o centro do mundo árabe, mas uma amálgama de pessoas perdidas no meio do deserto.

**2.** No deserto, um homem tem que dialogar consigo próprio e é o que Magdi ali Hasan faz, aos 68 anos, pensando nos desenhos para os túmulos, e então, ama a sua profissão. Por baixo da casa e da loja, estão os seus pais e a mulher. Quando, em 1992, o terramoto destruiu a sua casa não teve outra solução se não vir viver para o túmulo de família.

Deixou de fazer esculturas para as lojas, e progressivamente cobre-se de branco: os anos



**Quando Eça de Queirós viajou ao Egíptio, em 1869, o grande cemitério do Cairo, na base da montanha de Mokattam, já era um lugar onde os vivos faziam uma festa, mas não era ainda uma "cidade"**

sobre os cabelos, o gesso sobre as mãos. Continua trabalhando, mas envelhece, porque sente que não apreciam a sua arte. Às vezes roubam-lhe o trabalho. E ele refaz. Quando precisa de se animar, faz outras coisas que não decorações para túmulos. Apesar de ser muçulmano, gosta de esculpir Jesus Cristo, que, acreditam os coptas egípcios, se refugiou com a família sagrada no Cairo, numa caverna que parecia um túmulo.

4 tirar fotografias. É aqui, entre os túmulos, à porta de um mausoléu de uma princesa mamluk, que brincam, como todas as meninas, de princesas.

**7.** Desde Cleópatra, não houve muitas mulheres a governar o Egípto. Shagar al-Durr foi sultana durante 90 dias. Depois foi espancada, arrastada e atirada nua para um fosso, por outra mulher. Ao fim de três dias foi enterrada no mausoléu que tinha construído para si própria. Lá dentro tinha pedido que desenhassem um árvore de pérolas representando o significado do seu nome, Shagar al-Durr, e que escrevessem: "Ontem era como você. Amanhã você será como eu."

**8.** Três meninos brincam na rua com um papagaio de papel. Mohammed, de 10 anos, e Ahmed, de 13, querem ser policiais. Ussain, de 8, quer ser engenheiro. Ussain quando crescer quer continuar a viver na Cidade dos Mortos. Mohammed quer partir. Nenhum deles tem medo de fantasmas. Olham uns para os outros: não, nem pensar, não têm medo de fantasmas. Depois pensam melhor. Correm na direcção de um grande muro amarelo. No cemitério nem todos os sítios são assombrados; só alguns, como este. Quando chegam ao muro amarelo páram, e dizem uma benção. "Besmallah", "com o nome de Deus, Alá", e entram. À noite, só aqui vêm se precisarem muito de provar aos amigos que são bravos.

**9.** O menino dança à volta do mastro da faluca enquanto o irmão mais velho canta e bate palmas. A faluca continua a navegar, a vela verde inchando. Quando pára de dançar e se senta a contemplar o Nilo, os olhos azuis ficam sonhadores. Há neste menino que vive no rio a liberdade que os meninos que encontrei no cemitério procuravam ao lançar um papagaio de papel. A faluca é o seu papagaio, ainda que correndo ao contrário nas águas do Nilo. O sol põe-se por trás das palmeiras. É fresco, é tranquilo e os muezzin cantam "Deus é Grande". No Cairo, em Agosto, só junto do Nilo se respira. Não é como Alexandria em que o mar é mais forte que o deserto. Em Alexandria, para onde fugi por alguns dias, instalei-me num hotel com vista para o Mediterrâneo, para o hotel Cecil, onde ficou Churchill, e também para a estátua de Gamal Abdel Nasser que acabou com o reinado britânico. Hoje, meia dúzia de estrangeiros vagueiam, percorrendo uma cidade imaginária, das histórias de Alexandre, o Grande, aos livros de Lawrence Durrell e E. M. Forster. O americano com quem me cruzei no hotel parecia ser um desses turistas, mas afinal tinha vindo pelo sal e a brisa. Vive no Cairo, e é tradutor. Ofereceu-me o último livro que traduziu, uma colecção de sonhos que o prémio Nobel egípcio Naguib Mahfouz escreveu pouco antes de morrer. Fiquei no quarto, a ler de janela aberta, voltando ao Cairo e ao culto dos mortos:

"Sonho 107 - Num caixão, estava escrito: (...) "Era um tipo de valor, conhecido pela sua má sorte,



**Gon Amin Hassan** Nasceu no cemitério e herdou a profissão do tio em 1967. "Porque me dá para comer, amo esta profissão", diz, e continua a passar a ferro com o pé

visto que quase nenhum leitor conheceu os seus muitos escritos. Tantas pessoas vieram para prestar pêsames ou simplesmente para observar, que quando a procissão chegou ao cemitério, era a maior demonstração alguma vez vista numa ocasião assim. Quando a noite caiu, o nome do falecido vivia nos lábios de todos."

**10.** Quando o marido trouxe Fatma para o cemitério, Fatma teve medo, mas depois habituou-se. Agora até não se importava que os fantasmas lhe pregassem partidas, sempre afastava o tédio. Mas Talaat Harb já era um homem sossegado na vida, quanto mais na morte. Talaat Harb, grande economista egípcio, morreu em 1941 e deixou quatro filhas. Agora vêm as netas todas as sextas-feiras visitá-lo. A família de Talaat Harb trata a família que lhes cuida da campa muito bem e fazem a inveja do bairro. É o melhor túmulo para se morar, sem dúvida, mas ainda assim Fatma não gosta do silêncio. Aquilo que distingue a Cidade dos Mortos de outros

bairros populares do Cairo é o silêncio. Ninguém sabe quantos vivos moram nos cinco cemitérios que compõe a Cidade dos Mortos - entre 500 mil e um milhão -, mas os mortos são mais. E os mortos têm uma maneira de se fazerem ouvir pelo silêncio.

**11.** A segunda vez que fui à Cidade dos Mortos fui com Ibrahim el Assal, um guia turístico e egiptólogo que se ofereceu para me acompanhar e traduzir as entrevistas do árabe para o castelhano. Ibrahim vivia no Cairo há muitos anos, mas nunca tinha ido a El'Arafa, o cemitério, nunca tinha conhecido outro egípcio que vivesse ali. Um egípcio de classe média não vai à Cidade dos Mortos, e os residentes da Cidade dos Mortos, na cidade dos vivos, evitam dizer onde vivem. Não fica bem, por exemplo, numa entrevista de emprego.

Salmos da zona sul do cemitério quase ao pôr-do-sol e Ibrahim ia eufórico. Tinha conhecido melhor a sua cidade. E aquelas pessoas, dizia, eram inspiradoras para ele.

**Ninguém sabe quantos vivos moram nos cinco cemitérios que compõe a Cidade dos Mortos - entre 500 mil e um milhão -, mas os mortos são mais. E os mortos têm uma maneira de se fazerem ouvir pelo silêncio**

Nessa altura, Ibrahim queria continuar a estudar egiptologia. Sonhava ir para o estrangeiro e tinha uma predilecção por inglesas.

Há uns dias troquei emails com Ibrahim. Casou, foi pai, viu uma revolução na praça Tahrir, e está a fazer o doutoramento em egiptologia. Já não sonha ir para o estrangeiro. Talvez agora os estrangeiros possam começar a sonhar em vir para o Cairo.

Ibrahim não voltou ao cemitério e não sabe para os habitantes da Cidade dos Mortos a praça Tahrir continua a ser longe.

**12.** Há pessoas que andam pelo cemitério de mãos dadas, mas Ahmed Afifi não. Tem 60 anos e é um homem que combate o medo com a postura. A sua arma é a elegância e até nos prédios ricos dizem-lhe bom dia quando passa. Faz almofadas que vende no Khan el Khalili. Irmãos, primos, todos vivem no túmulo de família, e ele acabou por construir casa ao lado. Algumas coisas melhoraram no bairro desde que chegou há 40 anos - já têm água. Mas os preços aumentaram e a população também.

A filha, elegante como o pai, tem um noivo que a vai tirar do cemitério. Ele está a trabalhar e a juntar dinheiro em Sharm-el-Sheikh. A filha, sim, anda sempre acompanhada, mas por medo dos vivos.

Depois de pousarem para um retrato, o pai afasta-se por uma das ruas largas do cemitério, e a filha continua a estender a roupa, enquanto sonha com uma máquina de lavar, com vestidos que não sejam pretos e velhos, e uma vida sem medo do futuro.

**13.** No voo de regresso à Europa não conversei com ninguém. Ia cheia de imagens-postais: o Vale dos Reis e Luxor; templos de grandes telhos e colossos de pedra que assobiam oráculos. Comprei "souvenirs" nos mosteiros cristãos do deserto e nos "resorts" do mar vermelho. De Alexandria, tinha os poemas de Kavafis, e a imagem dos ombros bronzeados e enrugados duma septuagenária libanesa que deu uma festa de verão junto do mediterrâneo a falar francês como se o Nasser nunca tivesse nacionalizado o Egípto. Do Cairo, levava comigo o olhar dos homens que se sentiam incapazes de fazer uma revolução, acompanhando a todo o momento uma mulher europeia sozinha na rua. Pensava em Ibrahim, com o seu castelhano apaixonado. Mas a imagem mais forte - a imagem que sabia que muito mais tarde iria parar aos meus sonhos - era de um homem com a galabia muito suja, um olhar alucinado, caminhando a meu lado. "Baraka, Baraka", dizia, estendendo-me a mão. E como eu não percebia, ele insistia: "Baraka, Baraka, Baraka."

Por trás dele, ainda vejo o castanho de que o Nilo não consegue livrar o Cairo, e o céu daquele azul de muitos séculos sem nuvens, e as casas baixas, ou o que parecem ser casas baixas, mas são túmulos.

"Baraka" quer dizer benção. Tocar num louco, acreditam os egípcios, dá sorte. Tocar num túmulo também.